

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



A Influência da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



A Influência da Comunicação 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I43 A influência da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador
 Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

 Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-32-4
 DOI 10.22533/at.ed.324201003

 1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Jornalismo. I. Silva,
 Marcelo Pereira da.

CDD 303.48

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Etimologicamente, a palavra “influência” deriva do ato ou efeito de influir, ação que uma pessoa, organização e/ou ator social exerce sobre outrem. Liga-se ao prestígio, ao crédito, à ascendência, ao predomínio e ao poder. Poderíamos dizer, assim, que pensar a influência da Comunicação remete a um universo caleidoscópico, investido de nuances que envolvem sujeitos, nações, narratologias, mídias virtuais e de massa, jornalismo, comunicação pública, publicidade, cinema, produção audiovisual, relações públicas, marcas, etc.

Destarte, este e-book intitulado “A influência da Comunicação 2”, comunga estudos, olhares e análises de pesquisadores de todo Brasil que trafegam pelos campos do jornalismo, da comunicação pública e política, das mídias emergentes, do bios virtual e das práticas/experiências do consumo, contribuindo para a elaboração de uma obra que debate o estatuto da Comunicação em um contexto cada vez mais midiático e permeado pela cultura de consumo.

Carecemos de uma renovação das condições teóricas, epistemológicas, profissionais e metodológicas da Comunicação e do fulcral laço social, tão frágil nas sociedades expostas aos imprevisíveis ventos da globalização, da midiática e do consumo sem bússola. Desta perspectiva, podemos produzir mecanismos analíticos, dados e informações que geram impacto social e auxiliam no entendimento, mas, também, na construção de um mundo melhor e mais justo.

(Re)conhecer a influência da Comunicação para a sociedade, as organizações, os Estados-nação e os sujeitos, tornou-se *sine qua non* para a gestação da paz, a redução das desigualdades econômicas, culturais e sociais. Assim como a política perpassa o tecido social, a Comunicação, igualmente, se entrama por esse tecido, o define, o significa, o ressignifica e o constitui.

Necessitamos admitir os desafios, desvios e dificuldades da Comunicação, abraçando as oportunidades, esperanças, possibilidades e influências que dela efluem.

Marcelo Pereira da Silva

CAPÍTULO 1	1
“VOCÊ VÊ. VOCÊ LÊ. VOCÊ OUVI”: A CONVERGÊNCIA ENTRE RÁDIO, ON-LINE E JORNAL EM GAÚCHAZH	
Guilherme Jancowski de Avila Justino Luiz Artur Ferraretto	
DOI 10.22533/at.ed.3242010031	
CAPÍTULO 2	14
APONTAMENTOS E INFERÊNCIAS PARA UMA TEORIA DA DOGMATIZAÇÃO NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA	
Marcos Reche Ávila	
DOI 10.22533/at.ed.3242010032	
CAPÍTULO 3	27
DE ELOÁ A ELAINE: IMPRENSA E O ASSASSINATO DE MULHERES BRASILEIRAS	
Nealla Valentim Machado	
DOI 10.22533/at.ed.3242010033	
CAPÍTULO 4	40
REGIONALIZAÇÃO E REDAÇÕES CONVERGENTES: ESTRATÉGIAS MERCADOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	
Amanda Lais Pereira Noletto Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3242010034	
INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA E POLÍTICA	
CAPÍTULO 5	52
COMUNICAÇÃO PÚBLICA E A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: UMA INTERCESSÃO NECESSÁRIA À DEMOCRACIA	
Kênia Augusta Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.3242010035	
CAPÍTULO 6	63
O PRINCÍPIO DA TRANSPARÊNCIA ADMINISTRATIVA E A COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA NO DIREITO DE ACESSO À INFORMAÇÃO	
Petter Ricardo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3242010036	
CAPÍTULO 7	76
DISCURSOS POLÍTICO-EDUCACIONAIS NO FACEBOOK E NO TWITTER DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	
Karen dos Santos Correia Douglas Junio Fernandes Assumpção	

Analaura Corradi

DOI 10.22533/at.ed.3242010037

CAPÍTULO 8 89

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS: UMA ANÁLISE DAS *FANPAGES* DE UNIVERSIDADES FEDERAIS MINEIRAS

Pedro Augusto Farnese de Lima

Laura Chediak de Souza Trevisani

DOI 10.22533/at.ed.3242010038

CAPÍTULO 9 103

O CINEMA IRANIANO DE ABBAS KIAROSTAMI E JAFAR PANAHI: ESTRATÉGIAS DE UMA COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Kaio César Monteiro Orsini

DOI 10.22533/at.ed.3242010039

INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS DE CONSUMO, MARCAS E PUBLICIDADE

CAPÍTULO 10 116

CLUBE DA ALICE: COMO O GRUPO NO *FACEBOOK* INFLUENCIOU O COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE MULHERES CURITIBANAS

Bruna Marrocos Slongo

DOI 10.22533/at.ed.32420100310

CAPÍTULO 11 126

COMUNICAÇÃO PERSUASIVA E MERCADOLÓGICA: FOLKCOMUNICAÇÃO E FOLKMARKETING NO FESTIVAL DE PARINTINS – AM

Ana Paula Almeida Miranda

DOI 10.22533/at.ed.32420100311

CAPÍTULO 12 141

A PROTEÇÃO AO CONSUMIDOR COMO PROCESSO COMUNICATIVO, INTERACIONAL E INTERATIVO: CONSIDERAÇÕES NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

Solange de Fátima Wollenhaupt

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.32420100312

CAPÍTULO 13 152

PUBLICIDADE INFANTIL: PANORAMA DE PEÇAS APÓS A PROIBIÇÃO LEGAL

Juliane de Sousa Ramos

Jhonatan Oliveira Domingos

Tatiane Munhoz Freitas

Aguinaldo Pettinati

DOI 10.22533/at.ed.32420100313

A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NO BIOS VIRTUAL – ANÁLISES E CASOS

CAPÍTULO 14 155

MIDIATIZAÇÃO, (IN)COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS: UMA ANÁLISE DA CASA DO BRASIL DE LISBOA E DAS MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

Jéssica de Cássia Rossi
Marcelo Pereira da Silva
Raquel Cabral

DOI 10.22533/at.ed.32420100314

CAPÍTULO 15 169

O DEBATE ON-LINE SOBRE A ÉTICA NA CIÊNCIA NO CASO HE JIANKUI: OPORTUNIDADES, LIMITES E DESAFIOS DA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Renata de Lima Sousa
Ivânia Maria Carneiro Vieira

DOI 10.22533/at.ed.32420100315

CAPÍTULO 16 184

FEMINISMO, ATIVISMO ONLINE E ORGANIZAÇÕES EM AMBIÊNCIA DIGITAL: USO DAS HASHTAGS #ASSÉDIOÉCRIME E #NÃOÉNÃO NO CARNAVAL 2018

Gisela Maria Santos Ferreira de Sousa
Maria do Carmo Prazeres Silva

DOI 10.22533/at.ed.32420100316

CAPÍTULO 17 196

BOLSONARO: ANTAGONISMOS EM SEU PRÓPRIO GOVERNO

Gabriel de Medeiros Vaz
Rafael Rocha Jaime

DOI 10.22533/at.ed.32420100317

CAPÍTULO 18 207

FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA ENQUANTO *HABITUS* DENTRO DO NOSSO AMPLO PRESENTE

Emmanuel Alencar Furtado

DOI 10.22533/at.ed.32420100318

INFLUÊNCIA DE MÍDIAS EMERGENTES, CINEMA E NARRATOLOGIA

CAPÍTULO 19 217

POR QUE MARATONAMOS? REFLEXÕES SOBRE *BINGE WATCHING* A PARTIR DA ABORDAGEM DO USO E GRATIFICAÇÕES

Raquel Lobão Evangelista

DOI 10.22533/at.ed.32420100319

CAPÍTULO 20 230

CHANTAL AKERMAN E O CINEMA INTELECTUAL EISENSTEINIANO

Izabele Caroline Leite Medeiros
Laís Rodrigues Coelho Pêgas

DOI 10.22533/at.ed.32420100320

CAPÍTULO 21	241
NO BAIRRO E NO MUNDO, ATIVIDADE ARTÍSTICA JURUNENSE: DE GABY AMARANTOS À LEONA VINGATIVA	
Izabele Caroline Leite Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.32420100321	
CAPÍTULO 22	251
ESTRUTURAS NARRATIVAS E ENGAJAMENTO EM HUMANS OF NEW YORK	
Emilio José de Sant'Anna Neto	
DOI 10.22533/at.ed.32420100322	
CAPÍTULO 23	264
STREAMING E NARRATIVA COMPLEXA: UMA ANÁLISE DE <i>A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL</i>	
Alexandre Tadeu dos Santos Matheus Fonseca Bolentine	
DOI 10.22533/at.ed.32420100323	
CAPÍTULO 24	277
AS NOVAS MÍDIAS E A INTERATIVIDADE COGNITIVA: ALIKE	
Ana Elisa Pillon Luciane Maria Fadel Vania Ribas Ulbricht	
DOI 10.22533/at.ed.32420100324	
SOBRE O ORGANIZADOR	285
ÍNDICE REMISSIVO	286

APONTAMENTOS E INFERÊNCIAS PARA UMA TEORIA DA DOGMATIZAÇÃO NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Data de aceite: 02/03/2020

Data de submissão: 10/12/2019

Marcos Reche Ávila

Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Comunicação (FAC)

Brasília – Distrito Federal

<http://lattes.cnpq.br/3741656209234466>

RESUMO: Os manuais jornalísticos são construídos pelos próprios veículos e cada manual é singular. Além dos jornais, existem manuais acadêmicos escritos por professores da área. Contudo, cada manual se distingue um do outro. Porém, a linguagem jornalística se alimenta de um mito sobre o fazer jornalístico, uniformizando premissas e contrariando as singularidades de cada manual. O jornalista, mesmo passando por um processo de produção e construção da notícia desde a instância da pauta à publicação no jornal, crê que reproduz a realidade natural, do mundo natural, e não produz uma realidade simbólica e singular a perspectivas de jornais concorrentes ao que o emprega. Além disso os jornais vendem aos seus leitores a ideia de imparcialidade identificada na forma da linguagem nas notícias como imparcialidade humana na construção da realidade simbólica. Para isso, supostamente, há uma doutrinação do leitorado sob um modo de

ver o mundo, baseado nos valores da empresa de comunicação que veicula as notícias. O jornalismo de cada veículo hipoteticamente está no como se notícia, muito embora aqueles que produzem o jornal aleguem reproduzir a realidade natural, em vez de uma realidade simbólica, o que me leva ao entendimento da possibilidade de uma dogmatização na linguagem em veículos jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; mídia; dogmatismo; comunicação

NOTES AND INFERENCES FOR A THEORY OF DOGMATIZATION IN JOURNALISTIC LANGUAGE

ABSTRACT: Journalistic manuals are built by the vehicles themselves and each manual is unique. Besides the newspapers, there are academic manuals written by teachers in the area. However, each manual differs from one another. However, journalistic language feeds on a myth about journalism, unifying premises and contradicting the singularities of each manual. The journalist, even going through a process of production and construction of the news from the instance of the agenda to publication in the newspaper, believes that it reproduces the natural reality of the natural world and does not produce a symbolic and singular reality to the prospects of competing newspapers. employs

it. In addition, the newspapers sell to their readers the idea of impartiality identified in the form of language in the news as human impartiality in the construction of symbolic reality. For this, supposedly, there is an indoctrination of the reader under a way of seeing the world, based on the values of the communication company that conveys the news. The journalism of each vehicle is hypothetically as it is reported, even though those who produce the newspaper claim to reproduce natural reality rather than a symbolic reality, which leads me to an understanding of the possibility of dogmatization in language in journalistic vehicles.

KEYWORDS: Journalism; media; dogmatism; Communication

1 | INTRODUÇÃO

A centralidade deste texto é o tensionamento da matriz do dogma e a matriz discursiva da prática jornalística. Desta maneira, começo com algumas inquietantes perguntas, para mim, enquanto pesquisador: Como operam as produções de sentido na linguagem jornalística? Essas produções de sentido podem levar a dogmatização na linguagem? Se, sim, por que ou em que sentido? Que operadores atuam?

Essas perguntas são de relevância quando estamos inseridos em um cenário de premissas profissionais e valores institucionais (empresas jornalísticas e de comunicação midiática em geral) ou mesmo organizacionais (organizações sociais e coletivos sociais) que confundem a natureza de meios técnicos de difusão informacional, com a subjetiva construção discursiva de instituições e organizações que operam sob estes meios técnicos.

Por constatação, a natureza da relação humana prevê a comunicação, onde há troca de experiências baseadas em experiências anteriores e que gerarão experiências futuras em um processo sócio de semioses. A cada signo nesse processo há disseminação de informações e comunicação direcionada dessas informações. Os signos também marcam e deixam rastros das experiências inter-humanas que estabelecem o que é e o que não é informação para construir e constituir uma notícia. Determinam, também, o que é pauta e o que não é.

A linguagem jornalística perpassa por premissas instituídas através de manuais de conduta empresariais e manuais introdutórios ao jornalismo (também conhecidos como almanaques) produzidos por acadêmicos. Cada empresa jornalística e cada empresa comunicacional com núcleo jornalístico entre suas atividades possui seu próprio manual.

O manual é um signo de conduta, mas não o único na relação comunicacional entre empregador e empregado. A relação diária entre chefia de reportagem, redação, entre outras, com os jornalistas empregados estabelece uma cultura de trabalho singular em cada empresa e são constituídas de signos que interferem na

conduta do jornal e na produção de sentido em um jornal. A comunicação gerada nas mensagens transmitidas através das mídias (meios técnicos de comunicação) é uma enunciação carregada de valores, resultante das inferências mentais produzidas pelos jornalistas, da relação interpessoal nas redações no fazer jornalístico dessas empresas e de todas as relações sógnicas dos sujeitos envolvidos na produção desta comunicação que toma a forma do discurso. Bakhtin chama isso de diálogo – para o pesquisador russo discurso equivale a diálogo. Portanto, uma relação dialógica é uma relação de signos, representações, da realidade, geradas pela mente humana através do processo abduativo.

As visões corporativas de jornalismo tensionam na linguagem jornalística – estabelecida por cada uma das corporações – com os discursos das fontes (representantes de instituições sociais, por ilustração) escolhidas como intermediárias entre a realidade e os receptores da mensagem construída através da enunciação. A hierarquização de informações e a construção da enunciação cria a versão da história dentro da narrativa que passará a ser a história retratante da realidade para os receptores das mensagens. O jornal gera um diálogo com as fontes e produz seu próprio discurso, com a diferença na disseminação desse discurso como uma realidade pública.

2 | TEXTO E ENUNCIÇÃO NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

O padrão de valores e a estrutura gramatical da linguagem jornalística, sendo específica a cada jornal, mantém, por hipótese, uma ordem dogmática de valores a serem seguidos e os *gatekeepers* resguardam não só o que é notícia para o jornal, mas como algo deve ser noticiado: incutindo os valores corporativos as mensagens, mesmo quando não feito pelos jornalistas empregados.

Sobre esse último ponto podemos encontrar facilmente a descrição da função do jornalista, que é diferente do consenso popular de que o jornalista é quem “faz” o jornal. A enciclopédia Delta Larousse nos fornece uma sintética, porém rica descrição. Coloca que o jornalista é a pessoa que vai à rua para encontrar a notícia e levar para o redator a matéria de que é feito um jornal, sendo que muitas vezes há o acúmulo destas funções em uma só pessoa (Delta Larousse, 1964, p. 2454). Na enciclopédia em questão consta que estes profissionais respondem ao redator-chefe que é responsável por interpretar o pensamento e a orientação do jornal. Diz ainda que em uma suposta época heróica (não descrita) o redator-chefe ou diretor do jornal compunha o que era chamado de “artigo de fundo”: o editorial. Obviamente que há limitações nesta ilustração em relação a realidade brasileira, dado que se trata de uma publicação francesa traduzida para o português e publicada em 1964.

A segunda instância é a regulação por parte dos *gatekeepers* do enunciado

desenvolvido pelo jornalista empregado. A terceira, então, é a reconstituição gramatical do texto e suas informações para que a linguagem jornalística não sofra modificações outras que não são de desejo da empresa jornalística, ou seja, mudanças no enunciado (o que se comunica) para enquadrar a orientação do jornal e mudanças apenas sutis no texto gramatical. Quanto a texto e enunciado o pesquisador Bakhtin diz o seguinte:

O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação (Fiorin, 2008, p.52).

Os signos textuais não são os únicos significantes na produção de sentido do enunciado. O pesquisador brasileiro Fiorin, baseando-se nos estudos de Bakhtin explica algo sobre o campo científico, que está na mesma matriz do campo jornalístico:

Aspira-se à “objetividade” do discurso científico [na discursividade literária naturalista]. Por isso, narra-se sempre em terceira pessoa, para criar um efeito de sentido de objetividade, como se os fatos se relatassem a si mesmos (Fiorin, 2008, p.30, grifos meus).

Os receptores recebem, dessa forma, mensagens reguladas e ressignificadas por seus produtores em mais de um nível de produção e construção da notícia. Esse padrão pode ser analisado através das notícias veiculadas por um meio técnico de comunicação que promoverá a comunicação entre a visão registrada da realidade por parte dos profissionais de cada empresa específica de jornalismo, cujos textos gramaticais produzem sentidos que tensionam com os sentidos produzidos na enunciação (na ação comunicativa) e esse tensionamento não é, muitas vezes, percebido pelos leitores, por causa da constituição de um dialogismo centrípeto.

Todo jornal estabelece com seu leitorado um contrato de leitura, então, a dogmatização – ou o desejo de dogmatização – ocorreria nesse contrato?

O reconhecimento da recepção através desse contrato também estabelece tensões. Embora dialógico, o espaço para tensão é centrípeto, porque é regulado pela empresa jornalística que o promove sob o tom de autoridade. Os profissionais à frente da empresa decidem o que pode ser publicado dessa tensão, como, por ilustração, nos espaços destinados aos leitores ou, no caso de sites, em lugares específicos para comentários de leitores sobre os textos produzidos pelos profissionais da empresa jornalística.

Toda linguagem é, por hipótese, potencialmente dogmatizadora do pensamento, podendo se enquadrar em um tipo de dialogismo mais bitolador (emprego figurado

da palavra bitolador):

A subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. Por isso, em Bakhtin, o sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade. [...] Nesse processo de construção da consciência, as vozes [responsáveis pelo dialogismo] são assimiladas de diferentes maneiras. Há vozes que são incorporadas como a voz de autoridade. É aquela que se adere de modo incondicional, que é assimilada como uma massa compacta e, por isso, é **centrípeta, impermeável, resistente a impregnar-se de outras vozes, a relativizar-se**. Pode ser a voz da Igreja, do Partido, do grupo de que se participa, etc (Fiorin, 2008, p. 56, grifos meus).

Toda linguagem possui uma dinâmica e uma lógica próprias. A linguagem jornalística e demais linguagens do campo Comunicação Social dependem de elementos como o cotidiano e de leitores que, influenciados, posteriormente influenciarão a constituição da realidade social, tendo uma procura de seus produtores de efeitos específicos ao promoverem uma determinada narrativa. É possível que o jornalismo seja questionado enquanto dialogicamente centrípeto por causa do atravessamento de vozes sociais em sua enunciação. Contudo, a que servem essas vozes atravessadas? Quem controla o diálogo e produz sentido/enunciado/enunciação? Como é a produção de sentido e o quanto as vozes são restringidas ou recebem espaço e estão em espaço discursivo/dialógico responsivo aberto? Que dialogismo será mesmo o do jornalismo?

3 | A LÓGICA DE RACIOCÍNIO

É importante a compreensão de que o conceito de religioso para as igrejas não está estritamente sendo trabalhado aqui. Não tenho como intento trabalhar uma teoria de que o jornalismo evoca Deus em seu discurso ou faz uso do evangelho ao noticiar, por ilustração.

A minha inquietação científica é com a matriz discursiva dos interpretantes na discursividade jornalística. Se tivermos o texto como um signo, o interpretante será aquele que o produziu. O produtor age de maneira a dar significado a alguma coisa.

Nesse momento do texto, apresentarei a lógica de raciocínio que guiará o percurso a ser feito, **a caminhada**, o *methodus*. Lógica essa que Peirce chamou de *abdução* (Peirce, 2008). O autor desenvolve uma lógica baseada em tese própria sobre o comportamento da mente humana. Contudo, uma abdução depende de três processos em progressão: (1) a abdução; (2) a dedução; e (3) a indução. Não podemos entender essa lógica ao tentar seguir apenas um dos processos. Entendo que a abdução é o primeiro processo e o quarto processo, pois trata-se de algo infinito, dado que para Peirce todo conhecimento é falível. Em outras palavras, a abdução é necessariamente o que impede a cristalização do conhecimento, já que

o conhecimento humano não é natural, mas a forma de pensar e interagir do ser humano com o mundo é natural, embora nossa espécie acredite que a natureza não opere da mesma forma que nós. Peirce chamou isso de *inquirição* (Silva, 2014).

A abdução é um processo mental inferencial (Pons, 2016; Peirce, 2008): o nosso “gerador de hipóteses”. Esse seria nosso primeiro contato experiencial com o mundo, mas Peirce não desenvolve esse conceito como se iniciasse de um contato com o mundo natural a partir de um ponto zero e, sim, de uma semiose, de um contato com um signo. Então, quando nos deparamos com algo ainda mentalizando esse algo não podemos alegar o que é, levando-nos a necessidade de uma dedução.

Apenas uma experiência (não necessariamente uma experiência física, mas qualquer experiência) mais concreta com esse algo (objeto) pode nos levar a induzir uma tese mais acertada do que é esse objeto, por isso a última parte do processo triádico do raciocínio é a indução. O primeiro passo é a observação: o que gerará a(s) antítese(s). O contato experiencial, o empírico, então, nos levará a(s) tese(s).

3.1 Pesquisa: a dúvida, as constatações e a ciência

Naturalmente, quando nos deparamos com algo que nos causa estranhamento sentimos incômodo e logo surge a dúvida. Essa dúvida inicia um processo mental que nos coloca em relação experiencial com aquilo que nos causa estranhamento. Na pesquisa acadêmica, a sistematização desse processo nos leva a outros movimentos:

Uno de los primeros escritos del joven Peirce había surgido al preguntarse cómo se podía fijar la creencia (Peirce, 1877; W 3.242-257). La creencia es un estado que nos permite confiar en que un determinado hábito nos ayudará a determinar nuestras acciones; a este estado se opone el de la duda que provoca una «irritación» y nos estimula a investigar para destruirla alcanzando una nueva creencia. De este modo duda y creencia tenían efectos positivos en nosotros. Se trataba de ver entonces los diversos métodos que los hombres habían utilizado para fijar la creencia, llegando a la conclusión de que el método científico era el más adecuado para hacer avanzar el conocimiento porque dispone de una naturaleza autocorrectiva al poder apelar a una «permanencia externa» que permite adquirir estas creencias (Pons, 2016, p.100).

A crença, então, só pode ser concretizada quando nos colocamos inicialmente em estado de dúvida. O estado de crença é determinado pela lógica que operamos uma certa ação. Este modo de operar, o hábito, pode ser efetivado por técnicas e orientações de procedimentos que nos levarão a fixação de uma determinada crença.

A forma como conduzimos a pesquisa dirá como olharemos para determinado fenômeno e a natureza autocorretiva das técnicas científicas nos permitem a produção de abduções em sequência no intuito de aperfeiçoar, “lapidar”, ou revogar a crença fixada, avançando no processo de conhecimento sobre algo. Contudo, em

sua fase considerada madura, conforme destaca Pons (2016), Peirce vai além do positivismo e sistematização:

Pero lo que entiendo por «ciencia» [...] es la vida dedicada a la búsqueda de la verdad de acuerdo con los mejores métodos conocidos por parte de un grupo de hombres que entienden las ideas y los trabajos de cada uno como ningún extraño puede hacerlo. No es lo que ya han descubierto lo que hace de su ocupación una ciencia, sino el que estén persiguiendo una rama de la verdad de acuerdo con los mejores métodos que en su tiempo se conocen. No llamo ciencia a los estudios solitarios de un hombre aislado. Solo cuando un grupo de hombres, más o menos en intercomunicación, se ayudan y se estimulan unos a otros para comprender un conjunto particular de estudios como ningún extraño puede comprenderlos, llamo a su vida ciencia (Peirce, 1905b, cap. 47, apud Pons, p. 101).

Peirce trabalha, em sua fase considerada madura, o que Pons denomina o método científico de Peirce, que “trata de una exposición condensada en que explica que toda investigación comienza a partir de la observación de algún fenómeno sorprendente, algo que frustra la expectativa o rompe algún hábito del investigador” (Pons, 2016, p. 104).

A experiência sob o viés de Peirce também nos propõe o pensamento de que qualquer ação que gere uma abdução depende de experiências prévias para se formar e isso leva a um determinado olhar e consequentes conclusões sobre o fenômeno observado.

Para Pons, o método científico que propõe Peirce é generalista, mas muito bem definido, relacionando as diferentes etapas e tipos de inferências, podendo ser utilizado em qualquer tipo de pesquisa/investigação que se baseie em experiências de qualquer ou algum aspecto da realidade (Pons, 2016, p. 117).

4 | SEMIOSIS SOCIAL E HUELLAS

Verón, em seus estudos sobre a semiótica chega a conclusão de que são fragmentos extraídos do processo de semiose que nos oferecem a possibilidade de apontar os processos. Esses fragmentos são cristalizados, o que nos ajuda a encontrar o “DNA” (as *huellas*) do discurso a ser analisado:

El acceso a la red semiótica siempre implica un trabajo de análisis que opera sobre fragmentos extraídos del proceso semiótico, es decir, sobre una cristalización (resultado de la intervención del análisis) de las tres posiciones funcionales (operaciones-discurso-representaciones). Se trabaja así sobre *estados*, que solo son pequeños pedazos del tejido de la semiosis, que la fragmentación efectuada transforma en productos. La posibilidad de todo análisis del sentido descansa sobre la hipótesis según la cual el sistema productivo deja huellas en los productos y que el primero puede ser (fragmentariamente) reconstruido a partir de una manipulación de los segundos. Dicho de otro modo: analizando *productos*, apuntamos a *procesos* (Verón, 1993, p. 124).

Para Verón, “*es en la semiosis donde se construye la realidad de lo social* (Verón, 1993, p. 126, grifos do autor)”. Padrões aparecem e podemos, então, encontrar “*sólo en el nivel de la discursividad el sentido manifiesta sus determinaciones sociales y los fenómenos sociales develan su dimensión significativa*. Es por ello que una sociosemiótica sólo puede ser una teoría de producción de los discursos sociales”.

DNA é uma concepção gerada por mim ao estudar em Verón sua conotação de *huellas* para explicar uma concepção sua de um método específico de pesquisa, pois creio que se as *huellas* são tanto rastros quanto digitais na assimilação de seu significado oficial na língua português, a segunda contendo as singularidades biológicas do indivíduo, ampliando a noção da metáfora de *huellas* não apenas para rastros, marcas ou digitais como também para a possibilidade de enxergar o DNA de um fenômeno através destas digitais ou rastros. Não creio que Verón entendia que a metáfora de *huellas* servia a outro propósito exceto o de obter alguma compreensão do tecido através dos fragmentos coletados.

O lógico, Véron, diz que “el análisis de los discursos no es otra cosa que la descripción de las huellas de las condiciones productivas en los discursos” (Verón, 1993, p.127). E que “toda producción de sentido, en efecto, tiene una manifestación material. Esta materialidad del sentido define la condición esencial, el punto de partida necesario de todo estudio *empírico* de la producción de sentido” (Verón, 1993, p. 126).

Outra coisa importante é que, segundo o autor, os objetos que interessam a análise dos discursos não estão nos discursos e tão pouco fora deles, porque são sistemas de relações do produto significativo com suas condições de geração e efeitos:

Los “objetos” que interesan al análisis de los discursos no están, en resumen, “en” los discursos, tampoco están “fuera” de ellos, en alguna parte de la “realidad social objetiva”. Son **sistemas de realaciones**: sistemas de relaciones que todo producto significativo mantiene con sus condiciones de generación por una parte, y con sus efectos por la otra (Verón, 1993, p. 128).

Para o pesquisador “tanto las condiciones productivas cuanto los objetos significantes que nos proponemos analizar contienen sentido. Para dar toda su importancia teórica a esta observación basta recordar el hecho de que, como ya lo subrayamos en la primera parte de este trabajo, entre las condiciones productivas de un discurso *hay siempre otros discursos*” (Verón, 1993, 129).

4.1. A fragmentação do tecido

Por uma questão de formato, não será possível trabalhar com afincos fragmentos variados sobre a atividade discursiva jornalística e os indícios de padrões que

apontam para uma discursividade potencialmente dogmatizadora dos jornais para com seus leitores. Contudo, apresentarei alguns fragmentos relacionados ao importante acontecimento do último *impeachment presidencial brasileiro*.

No dia 17 de novembro de 2017 o portal de notícias G1, pertencente a Central Globo de Jornalismo publicou uma notícia cujo título chamava atenção a um pedido do Senado ao STF para rejeitar ação judicial de reanálise do mérito do processo de impeachment.

A notícia poderia partir de muitas perspectivas que se enquadrariam como valor notícia dentro da filosofia do jornalismo, como, por ilustração, a interferência do Senado no campo judicial, inclusive atingindo a mais alta instância do Poder Judiciário Brasileiro. Contudo, o portal opta por destacar o pedido do Senado. Essa foi a produção de sentido do portal G1.

Transformou, então, a interferência de um tipo de poder do Estado sob outro distinto e, em tese, independente. Esse tipo de lógica de produção é um demonstrativo de como um determinado jornal induz a leitura sob determinada realidade ao seu leitor.

A notícia que interessa ao jornal é a que está de fundo. A agenda do jornal é, aparentemente, a partir de uma análise deste recorte (a notícia citada), pensada como dispositivo para uma série de notícias que não reportam a realidade factual, mas uma realidade ainda em desdobramento. Dilma Rousseff vem a ser efetivamente julgada legislativamente, em última instância, apenas no dia 31 de agosto de 2016. A interferência do Poder Legislativo Brasileiro vêm a ser uma interferência de ordem outra que não a legislativa.

Por algum motivo, o pedido do Senado foi mediado por um portal de notícias, tornando, então, o pedido uma notícia. O jornal e o jornalista, enquanto significantes, produtores da mensagem, possuem legitimidade social por causa do *reconhecimento* (Verón, 1993). Esse conceito de reconhecimento trabalhado por Verón é o contato entre o produtor e o receptor, contato esse apenas possível por uma mensagem. Apenas, porque a lógica discursiva jornalística é efetivada por meio de tecnologias de escrita, áudio e audiovisual que fazem a intermediação entre jornal e leitorado (assim como a audiência, etc.).

Desta forma, como citado acima, o significante promove um significado, formando um signo simbólico, uma experiência para com seu leitor. Esse leitor, então, tem como referência o jornal que lê. Quando um leitor ritualisticamente se baseia no jornal para constituir sua visão de mundo sobre os fatos do cotidiano, ele abre uma relação com esse jornal. Uma relação sónica de semiótica.

Mesmo que sua interpretação da notícia não seja exatamente aquela que o jornal tentou induzir, não muda o fato de que o jornal, através do jornalista (em tese apenas um redator), possui o papel de induzir um pensamento, uma visão

de mundo sobre os fatos. Isto é, a produção de sentido na notícia influenciará a formação de um entendimento por parte do leitor, mesmo que ele tenha outras fontes de informação. Contudo, temos como parte da tese em desenvolvimento aqui que, quanto mais estreita a relação do leitor com o jornal, mais pende a uma doutrinação de pensamento. Esta tese vem do fato da semiose social ser constituída da cadeia de signos a nossa volta, a qual usamos como referência para produzir nosso próprio conhecimento. A notícia traz um trecho, dizendo: “Ainda conforme o documento, o impeachment é um processo político e a existência de interesses individuais não interfere na decisão, que foi tomada por um colegiado e representa a vontade da maioria”. Parte da descrição sobre a chamada religião jornalística teorizada por Jorge Claudio Ribeiro (Ribeiro, 2007) reporta uma entrevista com um jornalista que afirma que a pauta deve ser cumprida conforme exigida pela Redação na qual o profissional trabalha.

Essa alegação também mostra como o portal conduz a produção de seu discurso. Ao separar esse fragmento do pedido do Senado, inserindo no texto da notícia, o G1 o divulga como parte do acontecimento a ser noticiado, um fato em que há um tensionamento com a legitimidade do Poder Legislativo. Implica na ideia de que o fato do acontecimento político deve ser julgado politicamente e legitimamente pelo Poder Legislativo, uma ação judicial não poderia interferir no processo de *impeachment*.

Desta forma também, estes enunciados supracitados aqui, retirados da notícia promovem a deslegitimação de um processo por parte de outro poder do Estado, que, em tese, seria outra via sob legitimações sociais como porta para processos sociais, ou seja, uma ação é legítima, mas a interferência discursiva do Poder Legislativo tensiona essa legitimidade, tentando deslegitimá-la. O portal anuncia esse pedido contrário a ação com sua legitimação de veículo de comunicação. Temos, então, novamente, produções de sentido que colocam em tensão dispositivos do Estado e direcionam ao leitor uma forma de vê-los.

No dia 20 de agosto de 2016, poucos dias antes do *impeachment* de Dilma Rousseff o jornal Folha de São Paulo publicou uma notícia com o título “Após impeachment, Temer se prepara para combater críticos”.

Na editoria intitulada Mercado, do jornal Folha de São Paulo, a matéria inicia com um enunciado sobre os cem dias de Temer no poder como interino e sobre a reta final do impeachment e anuncia que o então presidente interino planejava ações para combater o ceticismo de empresários e aliados pela forma como ele estava à época conduzindo o ajuste nas contas públicas.

Muitas coisas estão ditas nessa notícia através do que não foi dito expressamente. (1) O fato de ser dias antes da última votação legislativa para o impeachment de Dilma Rousseff, citando o impeachment praticamente como

dado, feito, já que a notícia é um anúncio pelo jornal de um diálogo de Temer com aliados e empresários interessados em aspectos econômicos do país. A notícia ter saído em uma editoria chamada Mercado. Mais adiante dos enunciados citados aqui, Temer tranquiliza seus aliados e os empresários, deixando claro que quando deixasse de ser interino tomaria medidas impopulares.

Outro trecho do texto, esse escrito ou assinado pelos jornalistas Valdo Cruz e Gustavo Uribe, em que consta: “Eles [dois empresários que supostamente conversaram com os jornalistas da Folha de São Paulo] acham que, se Temer continuar assim, poderá chegar ao fim de seu mandato em situação semelhante ao do ex-presidente José Sarney (1985-1990), que encerrou seu governo com a inflação em alta e a popularidade no chão”.

Aparentemente Temer era candidato do Mercado (não a editoria, mas o mercado financeiro) a um melhor presidente. A produção de sentido, seguindo aquilo comentado acima sobre o leitor, indica indução implícita, mas quase explícita de eleger Temer o novo presidente e, aparentemente, a necessidade para o Mercado de que o impeachment de Dilma deva acontecer.

A notícia ainda termina com os seguintes enunciados: “O julgamento da presidente afastada, Dilma Rousseff, pelo Senado terá início na próxima quinta-feira (25) e deve ser concluído até dia 31. Se Dilma for condenada, Temer deixará de ser interino e terá a missão de governar até o fim de seu mandato, em 2018”. A produção de sentido do significante não apenas produz uma forma de ver as coisas, mas, como consequência, também implica em uma possível ação de seus leitores, de acordo com o nível de interação que o leitor tem com o jornal e da substancial referência que o jornal é para o leitor.

Em matéria jornalística de O Globo publicada no dia 28 de julho de 2016 e noticiado que a defesa de Dilma apresentou alegações finais no processo de impeachment. A palavra alegações foi escolhida pelo jornal e está na composição do título da notícia. Trata-se de um documento, onde é apresentada uma defesa judicial. O subtítulo é a citação de uma fala dos responsáveis por sua defesa e consta no texto da defesa. O oração diz: “As páginas deste processo estão marcadas pelo desvio de poder, pela honestidade, pela legalidade”, diz a defesa de Dilma”. A segunda oração do texto da notícia traz: “São 524 páginas da defesa, mas sem nada de novo”. Essa oração poderia ser modificada sem nenhuma ou pouca mudança de sentido se tivesse sido expresso como “perda de tempo” ou “mais do mesmo”.

Essa *huella* – talvez mais interessante do que os outros fragmentos trazidos até agora – demonstra que pequenas marcas no texto da notícia explicitam, em algum nível, a experiência do jornalista e do jornal para o qual trabalha e algum padrão da experiência a ser promovida ao seu leitor. O olhar não é para fatos sobre a defesa da ex-presidente do Brasil, mas para o fato de que supostamente o último documento

da Defesa a ser encaminhado é expressamente o mesmo conteúdo contido nos documentos anteriores.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito primeiro dos jornais é o de dizer o que é o jornalismo, o que é notícia, quais as informações de um determinado acontecimento (e até mesmo os fatos de um determinado acontecimento) são relevantes.

Por hipótese, o jornal diz o que e como é importante se interpretar algo. As tradições escolares teóricas já evidenciaram, até segunda ordem, tendo em vista que o conhecimento nunca é cristalizado, que os leitores não absorvem o que leem de maneira absoluta e sem refletir a respeito do que leem. Contudo, há um contrato de leitura e o *reconhecimento* (contato entre produtor e receptor) por parte do receptor da mensagem (Verón, 1993), o leitor.

Entendo que esse *reconhecimento* é regulado pelo produtor da mensagem, porque a regulação ocorre no contato e no contrato de leitura. A tendência do leitor é a de se familiarizar e apreender a linguagem e a constituição simbólica de visão de mundo do jornal.

Por esse motivo trouxe alguns enunciados que possam apontar para alguma aproximação da matriz do discurso jornalístico a matriz do discurso religioso, no sentido da dogmatização. Esses enunciados não são o estudo de caso em si, que é muito mais a linguagem jornalística do que qualquer outra coisa. Muito menos servem de exemplo, não são exemplares. Não são postos aqui para cristalizar efeitos ou escolher efeitos que levem a uma análise que defina uma homogeneização de todo o fazer jornalístico.

O interesse até aqui, nesse artigo e também em minha dissertação é o de entender determinados processos comunicacionais no jornalismo que se estabelecem, por hipótese, em algum tipo de dogmatização na linguagem, porque, por inferências, há uma certa identidade de verdade e retratação fidedigna dos acontecimentos naturais e mesmo sociais por cada jornal como se fosse a real captura da realidade em si diante daqueles que descrevem essa realidade, ignorando a natureza da produção de sentido humana na produção textual (a produção enunciativa) ou fazendo uso do conhecimento dessa natureza da produção textual e enunciativa por uma vontade de verdade e coerção (Foucault, 2009) – parte constitutiva da discursividade, para Foucault – daqueles que se deparam com ela (produção textual): os leitores.

REFERÊNCIAS

BARRENA, Sara. **La razón creativa**: crecimiento y finalidad del ser humano Según Charles Sanders Peirce. Madrid: Rialp, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A noção de obstáculo epistemológico**. In: A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 17-28.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo : 1996.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo : Ática, 2008.

KOOGAN, A (org.). **Enciclopédia Delta Larousse**. 2. ed. Riode Janeiro : Delta, 1964.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. (1905). **The nature of science** (adirondack summer school lectures). MS 1334, 46-48.

PEIRCE, Charles Sanders. (1903). **Harvard lectures vii**: pragmatism as the logic of abduction. [4]. MS 315; EP 2.226-241.

PONS, José Santiago. **SCIO**, nº12, nov. 2016, p. 99-122.

RIBEIRO, Jorge Claudio. A religião do jornalismo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 35-51, dez. 2007.

SILVA, Flávio Augusto Queiroz. Observação no lugar de intuição: questões referentes à introspecção e a subjetividade. **Cognitio-Estudos**, São Paulo, vol. 11, nº 2, jul./dez. 2014, p. 258-270.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. Diálogos de la comunicación, Buenos Aires, n. 48, p. 9-16, 1997.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**: fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1993.

“Senado pede ao STF que rejeite ação na qual Dilma questiona impeachment”. Portal G1. Acesso em: 03 dez 2017. <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/11/senado-pede-ao-stf-que-rejeite-acao-na-qual-dilma-questiona-impeachment.html>.

“Após impeachment, Temer se prepara para combater críticos”. Acesso em: 03 dez 2017. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/08/1805485-aposimpeachment-temer-se-prepara-para-combater-criticos.shtml>.

“Defesa de Dilma apresenta alegações finais no processo de impeachment”. Acesso em 03 dez 2017. <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2016/07/defesa-de-dilma-apresenta-alegacoes-finais-no-processo-de-impeachment.html>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abbas kiarostami 103, 104, 105, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 115
Alike 277, 279, 280, 281, 282, 283
Análise de conteúdo híbrida 89, 90
Análise do discurso 76, 79, 82
Assédio 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 258, 259
Assistência social 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62
Ativismo online 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 195

B

Binge watching 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228

C

Chantal akerman 230, 231, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240
Cibercultura 4, 87, 101, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 157, 182, 183, 267, 276, 285
Cinema intelectual 230, 231, 232, 235, 239
Cinema iraniano 103, 104, 109, 111, 114
Close reading 277, 280, 284
Clube da alice 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124
Compras online 116, 121
Comunicação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23, 27, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 116, 119, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 181, 182, 184, 185, 187, 188, 194, 195, 196, 197, 202, 213, 215, 216, 222, 223, 229, 241, 248, 249, 253, 261, 262, 264, 266, 274, 278, 279, 283, 285
Comunicação mercadológica 92, 126, 127, 135, 137
Comunicação organizacional 89, 90, 91, 101, 103, 136, 137, 167, 184, 195
Comunicação política 61, 103
Conar 152, 153, 154
Conhecimento 18, 19, 23, 25, 31, 38, 41, 45, 55, 72, 76, 79, 80, 89, 90, 91, 93, 97, 100, 127, 142, 143, 144, 147, 150, 171, 172, 173, 174, 176, 182, 188, 198, 208, 210, 222, 255, 261, 275, 277, 285
Consumidor 2, 7, 30, 127, 128, 141, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 154, 195, 221, 265, 266, 267, 275, 285
Consumo 5, 7, 48, 58, 70, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 126, 127, 130, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 201, 212, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 245, 251, 257, 261, 264, 267, 268, 271, 275, 285
Convergência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 40, 42, 47, 48, 49, 50, 195, 264, 265, 266, 267, 272, 275, 276

Cortes na educação 76, 79, 82, 83, 84, 85
Cultura popular 126, 127, 128, 129, 130, 134, 135, 138, 241, 245, 275
Curitiba 75, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 151, 195, 207

D

Democracia 52, 53, 57, 60, 61, 65, 69, 77, 78, 144, 158, 161, 186, 205
Dogmatismo 14
Dogmatização na linguagem 14, 15, 25

E

Engenharia genética 169, 170, 179
Ética 33, 55, 65, 152, 153, 159, 169, 178, 179, 181, 182, 203

F

Facebook 6, 56, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 98, 101, 116, 117, 119, 120, 121, 124, 149, 150, 164, 251, 252, 254, 262, 263
Ficção seriada 217, 218, 264, 265, 266, 267, 268, 271
Folkcomunicação 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 137, 139
Folkmarketing 126, 128, 130, 131, 135, 136, 137, 139
Forma e conteúdo 30, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 242
Fotografia 30, 198, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 278
Fotografia de família 207, 208, 209, 210, 213, 215

G

Gaby amarantos 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250
Gaúchazh 1, 5, 6, 8, 9, 12

H

Habitus 135, 207, 209, 210, 213, 214, 215
Hashtag 184
He jiankui 169, 170, 177, 178
Humans of New York 251, 252, 253, 254, 256, 257, 261, 262

I

Identidades 44, 86, 144, 180, 187, 207, 213, 248, 249, 250
Imaginário 3, 30, 32, 38, 91, 196, 199, 201, 212, 216, 242, 278
Interatividade 3, 46, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 165, 172, 177, 178, 183, 277, 279, 280, 281, 282, 283

J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 50, 51, 133, 134, 196, 206, 251, 252, 253, 255, 256, 262, 285
Jurunas 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

L

Lei de acesso à informação 63, 64, 65, 68, 69, 70

M

Manifestação artística cultural 103

Maratona 217, 221, 224, 228

Mídia 4, 5, 12, 14, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 47, 50, 57, 60, 77, 82, 86, 88, 101, 118, 132, 135, 141, 143, 147, 150, 155, 159, 162, 163, 168, 189, 195, 205, 218, 221, 222, 239, 241, 246, 248, 250, 264, 266, 267, 277, 278, 279, 283, 285

Mitologia 196, 203

N

Narrativa 16, 18, 35, 109, 148, 212, 217, 226, 234, 246, 251, 254, 255, 256, 258, 260, 261, 262, 264, 265, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 279, 281, 283

P

Parintins 126, 127, 128, 129, 131, 132, 137, 138

Pesquisa exploratória 217, 228

Popularização da ciência 169, 170, 173, 174, 175, 176, 181, 182

Pós-verdade 196, 197, 198, 206

Produção de conteúdo 3, 7, 8, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 50, 89, 101, 267

Publicidade infantil 152

R

Rádio 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 72, 96, 171, 266

Redações convergentes 40, 41, 51

Regionalização 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51

Residência hill 264, 265, 268, 269, 270, 271, 275, 276

S

Serguei eisenstein 230, 239

Sites de redes sociais 76, 79, 87

Streaming 217, 220, 222, 223, 229, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 275

T

Tecnologia 6, 45, 65, 67, 70, 74, 88, 98, 124, 126, 127, 142, 143, 151, 158, 171, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 183, 210, 212, 239, 241, 242, 244, 248, 266, 268, 278, 279

Transparência 57, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 159, 170

Twitter 72, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 116, 150, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 204, 254

U

Universidades federais mineiras 89

Uso e gratificações 217, 218

V

Violência 27, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 95, 181, 187, 192, 200, 254, 258

Visibilidade 31, 38, 60, 89, 90, 91, 93, 97, 100, 101, 109, 184, 185, 188, 195

 **Atena**
Editora

2 0 2 0